

20 DEZ. 04

Redacção e administração

R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 280

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

O ESPIRITO DEMOCRATICO

A historia dos grandes acontecimentos é sempre feita pelos triumphadores. Foram os christãos que escreveram a historia do christianismo. Foram os reaccionarios que escreveram a historia da Revolução. Por conseguinte, historia falsa, em muitos pontos. Ao sabor dos interesses, das paixões, das opiniões facciosas dos que venceram. E como a humanidade é um rebanho, em que pese ao orgulho do rei da criação, basta que um triumphador, por qualquer motivo aureolado, proclame uma mentira, para que um enorme còro a repita. E vai d'echo em echo, atravez das gerações.

A historia da Revolução foi toda escripta sob a influencia da formidavel reacção religiosa e politica, que se organisou na Europa durante o imperio, e, sobretudo, depois da queda de Napoleão. Foi baseada em depoimentos cheios de rancor. Em testemunhos respirando vingança. Em opiniões de intolerancia. Em palavras d'odio. Em memorias grosseiras, onde avulta o proposito de denegrir rivaes, de justificar actos suspeitos, e raramente, ou nunca, o espirito sereno da verdade e da justiça. E todo o mundo, obedecendo á força enorme da inconsciencia, ficou, mais ou menos, repetindo injurias, calumnias, torpezas ou asneiras.

Todo o mundo. Poucas são as excepções. E, assim, os proprios homens eminentes troçam a cada passo do jacobinismo, quer dizer, da força capital da Revolução. D'essa Revolução que redimiu o mundo!

Não sabem o que é o jacobinismo. O jacobinismo que commette erros, que praticou excessos, que foi ora conservador, ora radical, ora clemente, ora sanguinario, ora tolerante, ora intolerante, mas sempre o grande agitador, o grande inspirador da alma revolucionaria.

Tambem o mar, o grande mar, se agita e se eleva. Tambem as ondas, quando se enfurecem, destroem e sepultam.

O jacobinismo estúpido! Como são ridiculos, os grandes homens do meu paiz, chamando estúpido ao jacobinismo! Oh, sim, sim, como são ridiculos! Os revolucionarios da minha terra! Os revolucionarios da minha terra!

E o mal é este. O grande mal, o terrivel mal. O mal, o grande mal, não é o furacão derribando arvores, casas, homens, assombrando, aterrando, mas passando n'um instante. Não é o raio que racha e

fulmina, purificando a atmosfera, e deixando brilhar o sol logo de seguida. E' o veneno que se infiltra nas calçadas, nas roupas, nos moveis, para nos ir sempre perturbando, desorientando, aniquilando, sem, contudo, nos matar por uma vez.

A nossa desorientação é geral. A nossa loucura é manifesta. Quando julgamos servir a causa da liberdade, não fazemos senão prejudica-la. Quando supomos combater os reaccionarios, não somos senão instrumento d'elles. Não temos idéas. Somos, n'esse ponto, d'uma pobreza absoluta. Não fazemos senão repetir palavras e doutrinas dos outros, inconscientemente.

Respiramos o veneno clerical por todos os lados, e não damos por elle. Esse veneno de sete seculos, que formou já camadas sedimentares n'esta infeliz terra. Que se enala do chão, que escorre das paredes, que destilla do tecto. Temos todos os vicios e todos os processos clericais. Dizemo-nos republicanos e somos mas é clericais. Falamos baixinho, como elles. Fazemos festas de igreja, como elles. Temos santos, como elles. Thuribulamos os nossos santos, como elles. Condemnamos á fogueira—e se não os queimamos é porque não podemos—aquelles que duvidam da virtude d'esses santos. Mentimos, como elles. Somos injustos, iniquos, covardes, hypocritas, servis, como elles. Temos medo de falar, de afirmar opiniões, como elles. Intrigamos pelos cantos, como elles. E até chamamos estúpidos aos jacobinos, como elles!

Em tudo e por tudo somos elles e fazemos o jogo d'elles.

Pois bem. Accordemos um pouco d'essa inconsciencia. N'um ponto, ao menos, devemos concordar. Em que somos comicos, ridiculos, truões, falando com ares de superioridade dos homens de 93. Se os ultrajamos, somos idiotas. Se os desdenhamos, idiotas somos ainda. Somos idiotas se os não comprehendemos. Somos idiotas se, comprehendendo-os, vamos na corrente dos reaccionarios, que os caluniam e insultam por interesse proprio.

Esses estúpidos jacobinos reformaram em dois annos uma sociedade toda. Que dizemos? A Europa! O mundo!

Esses estúpidos jacobinos espalharam idéas a rodos.

Esses estúpidos jacobinos crearam tudo, onde não havia nada.

Esses estúpidos jacobinos derribaram o throno, guilhotinaram o rei, correram o papa a pontapés e esmagaram a Igreja.

Esses estúpidos jacobinos venderam as mais formidaveis revoltas das classes privilegiadas e, depois, voltaram as suas armas

para o estrangeiro, vencendo os reis da Europa colligados contra elles.

Esses estúpidos jacobinos agitaram as almas, fazendo-se amar e odiar poderosamente.

Emfim, esses estúpidos jacobinos libertaram a humanidade inteira, enchendo de gloria uma patria, que tornaram respeitada e temida, á custa d'umas duzias de cabeças, simplesmente. E depois morreram, com mais altivez, mais nobreza, mais coragem que o Christo, pela sua obra, a sua obra genial de redempção, cem vezes mais bella e mais redemptora que a celebrada obra de Jesus.

Pois bem. Pois bem. Quem deixa morrer uma patria inteira, sob a pata de meia duzia de laçaios, que nem homens são, quem não sabe fazer, enquanto essa patria agonisa, senão ridiculas homilias em honra de santos, quem vive d'essas ninharias, d'essas ridicularias, que aviltam a dignidade humana, porque só servem para educar no servilismo e na degradação, quem não sabe espalhar idéas, ao menos, quem não sabe, sequer, interessar os espiritos n'uma obra de propaganda, empregando todo o seu tempo em festas de confrarias e rivalidades de irmandade, não abre o bico, diga-se genio ou diga-se simples mortal, para desdenhar dos jacobinos, e falar de alto sobre a sua obra immorreidora.

Não. Nem pio.

Para honra de nós todos.

E afinal fizemos uma digressão, que não está no caracter que quizemos dar a estes artigos.

A penna correu, e fomos atraz d'ella.

Ficará o resto para domingo.

JOSÉ LUCIANO

Foi no dia 14 inaugurado no lyceu d'esta cidade o retrato do sr. José Luciano de Castro, presidente do conselho de ministros.

Sendo o sr. José Luciano natural d'este concelho, a festa tomou um caracter accentuadamente local, realisando-se, por isso, sem hostilidade dos habitantes nem dos partidos d'Aveiro, que viram n'ella apenas a homenagem prestada a um filho d'aqui, que adquiriu logar proeminente na politica do paiz.

Sobre o sr. José Luciano, como sobre todos os politicos monarchicos, pesam grandes responsabilidades. E' incontestavel, porém, que o sr. José Luciano tem pessoalmente virtudes que se impõem, e, em relação a Aveiro, sua terra natal, deve-se dizer que são mais os serviços que elle lhe tem prestado do que os favores que d'ella tem recebido.

A homenagem do dia 14, teve, pois, o quer que foi de pagamento d'uma divida de reconhecimento local, e, n'esse sentido, foi merecida e justa.

A instrucção do soldado

Sob este titulo lê-se nas Novidades:

Sr. Redactor.

Vimos, pois, que as escolas regimentaes estão liquidadas. Com os nossos effectivos, tão pequenos que mal chegam para as exigencias do serviço, a escola regimental só poderia funcionar com proveito durante o tempo da instrucção da recruta. Ora n'esse periodo accumulam-se os soldados. E' inteiramente impossivel que o padre capellão, sóinho, —porque a respeito de monitores temos conversado—ensine 250 homens, nem ha sala que os comporte. Nem que comporte metade. Nem que comporte, geralmente, a quarta parte, porque é necessario contar com as mesas e os bancos.

E' inteiramente impossivel que o padre capellão ensine os proprios não analphabetos, ainda numerosos, e com conhecimentos muito desiguales, que é o peor. Ha de restringir a classe a um numero pequeno e escolhido. Para ensinar a sério. Decorosamente. Honradamente. E é isso o que pretende, e muito bem, a circular do ministerio da guerra. Mas é isso tão pouco—mesmo não contando com os abusos, aliás, como já disse, bem facéis de justificar—que equivale a não ser coisa nenhuma.

Eu bem sei o que digo. Não nasci hontem, não sou inteiramente tolo, e tenho já 28 annos de serviço, passados todos nos regimentos, salvo aquelles durante os quaes frequentei as escolas. Conheço os quartéis por dentro e por fóra. Tenho essa vantagem sobre todos aquelles que havendo, passado vida mimosa em commissões, e n'outros serviços extranhos aos regimentos, sabem muito pouco o que é o militarismo em Portugal. Ora por isso mesmo que não sou inteiramente tolo, por isso mesmo que tenho a experiencia dos annos e a experiencia do serviço, por isso mesmo que não tenho horror á letra redonda, antes leio ás vezes demais, porque me incommoda, o que se passa n'este paiz e nos outros, eu sinto em mim uma certa força e uma certa auctoridade para exclamar: «Cautelem-se! Elevem o nivel intellectual do exercito! Dêem-lhe as reformas de que elle mais carece! Ou, na primeira contingencia grave, estão perdidos!»

Agora mesmo me chega ás mãos, pelo correio, o ultimo numero d'uma publicação hespanhola, Revista tecnica de infanteria y caballeria, relativa ao mez de dezembro. Abro, folheio, encontro um artigo intitulado Ideas sobre organizacion militar, leio o primeiro periodo, e fecho logo, exclamando: apoiado!

«El fatal concepto que hoy se tiene de la instruccion es necesario que desaparezca; la expresion oficial y particular de que un cuerpo está muy instruido porque desfilte con perfecto compás y alineamiento, ó porque ejecute con precision los movimientos reglamentarios, es atentatoria en ultimo grado á los fines del Ejército, da margen á que todos vivamos engañados, los militares, los ciudadanos y los poderes publicos.»

Apoiado! O escriptor hespanhol refere-se á instrucção militar. Mas como ha de ella existir onde não existir a educação intellectual? Sem esta, sem o criterio que d'ella deriva, nem chefes, nem soldados teem valor. E' um chaos.

De 8 a 12 de novembro, o periodo da lei, incorporaram-se este anno, em infanteria 23, 244 soldados. Cento e trinta e cinco não conheciam uma letra. Quarenta e tres conheciam as letras e pouco mais. Não sabiam nada. Sessenta e seis matricularam-se no 1.º curso. Mas, d'estes, só 22 sabiam ler, escrever e contar, correntemente.

O que esperam d'estes soldados no campo da batalha, d'estes automatados, d'estes brutos, entregues á sua propria iniciativa, porque os officiaes, então, não podem andar aos empurrões a elles, como nos exercicios?

O que esperam, se elles não sabem pensar, se não sabem raciocinar, se não sabem fallar, se em tempo de paz não sabem levar um recado da secretaria á sala dos officiaes?

Ao menos tenhamos a virtude da franqueza e não nos andemos aqui a enganar. Sejamos francos, e digamos, sem rodeios, a verdade toda, isto é, que não temos escolas de instrucção primaria,

que não temos escolas regimentaes, que não temos nada.

As escolas de instrucção primaria teem, geralmente, um só professor. Esse professor é obrigado a ensinar 4 classes. E, á mesma hora, ensina a uma classe leitura, a outra leitura, a outra leitura explicada e a outra leitura e grammatica. Ou calculo á 1.ª classe, arithmetica e sistema metrico á 2.ª, problemas á 3.ª e calligraphia á 4.ª. Ora isto é troça. Não tem outro nome.

Digamos a verdade toda: Portugal deixou insolúvel, até este momento, as duas grandes questões da vida moderna, a questão de instrucção e a questão do pão. Somos o povo menos instruido dos chamados povos cultos. E somos aquelle que come menos pão, ou, por outra, que come o pão mais caro. Deficit horroroso de instrucção! Deficit horroroso de subsistencias!

Onde estão os grandes homens do meu paiz?

Pela minha parte, declaro que os não conheço.

Consultando o grande trabalho official dos Estados-Unidos, Report of Commissioner of Education, vê-se que, em analphabetismo, temos a par de nós a Romania e a Servia. Sómente. Mas se folhearmos o Portugal Economico do sr. Anselmo de Andrade, por exemplo, veremos que a Servia e a Romania ao menos teem pão. A Romania tem 420 litros de trigo por habitante, a Servia 200, e Portugal 62!

E sendo o preço do pão, em regra, o preço regulador de todas as subsistencias, todas ellas o acompanharam na sua desoladora elevação.

Nem pão, nem instrucção. Miséria physica e miséria intellectual. E moral! Somos a ultima das nações civilizadas.

Dizel-o, é falta de patriotismo? Não. Falta de patriotismo é mantel-o e occultal-o.

Acto de patriotismo seria concorrermos todos para a grande obra da regeneração nacional. E ao exercito, mais do que a outra qualquer collectividade do paiz, cumpre esse altissimo dever. Roube-nos tres horas por dia ao gamão, durante o periodo da recruta, pelo menos, e dediquemol-as a instruir, a educar homens. A bem servir a patria. Mas se não queremos, deixemo-nos ao menos de sophismas, de subterfugios, de mentirias.

Escolas regimentaes, não ha. Nem maneira de, eficazmente, seriamente, as reformar. Ou o capitão é o instructor, o educador integral dos seus soldados, ou se lhe impõe esse dever—que elle não é mais aqui do que na Alemanha—dando-se-lhe, ao mesmo tempo, a autonomia que não tem, ou diz-se francamente, lealmente, dignamente, que não ha nada, porque não queremos, ou porque não podemos.

E eis o caso reduzido á sua extrema simplicidade.

Com a maior consideração

Coimbra,—5—12—1904.

De v. etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

Creança afogada

Na semana passada uma creancinha, anda de tenra idade, na occasião em que os paes, pescadores, a mandaram a um recado afogouse na ria, sendo encontrado mais tarde o seu cadaver.

Imprevidencia da parte dos paes.

Cartas d'Algueres

16 DE DEZEMBRO.

A mulher é um grave, gravissimo, problema social. Não o ha mais transcendente, mais extraordinario. E' o grande perigo da hora presente. E, contudo, parece que ninguém o vê!

A confusão das idéas, a anarchia brava que em tudo se manifesta, a dissolução que nos ameaça, tornou-se ahi verdadeiramente pavorosa. Mas o homem, no seu desmedido orgulho, na sua vaidade ridicula, continua a considerar e a tratar a mulher como um brinquedo, uma coisa, um traste, um nada. Ou então proclama as mais extravagantes doutrinas de emancipação feminina, desvairando os espiritos, perturbando as almas, atiando o incendio que lavra já, com intensidade, em todo o mundo.

Não ha duvida nenhuma que a mulher permanece ainda escrava. Mas todas as tentativas, feitas até agora para a libertar e a reabilitar, não tem dado outro resultado que tornar mais tenebroso o chaos em que o mundo moderno parece naufragar.

A primeira necessidade, necessidade immediata, necessidade urgente, é substituir na mulher—como aliás no homem—o sentimento morto por um sentimento novo. E, no entanto, o sr. Brito Camacho quer que se transija ainda com o preconceito religioso!

Por mais que o christianismo proclame como uma das suas glorias a redempção da mulher, essa redempção foi sempre uma mentira. A mulher ficou sendo sempre a filha d'Eva, a filha do peccado, a companheira da serpente. A mulher ficou sendo a tentação. O christianismo aproveitou-a como elemento indispensavel de propagação. Mais nada. E como elemento de propaganda. Ia-nos esquecendo dizer isso. Foi elemento de propaganda em Jerusalem e em Roma. Quando o christianismo necessitava d'ella. Então afagou-a, acarinhou-a, attrahiu-a, chamou-a, como a todos os desprotegidos, a todos os miseraveis, a todos os humildes. Mas logo que se sentiu forte, repelliu-a, desprezou-a, escravizou-a. Entregou-a manietada ao homem dizendo-lhe: «E' tua. E tua para sempre. Farás d'ella quanto queira. Mas uma coisa só te é prohibida: ter com ella as intimidades do amor. Ama-a, se quizeres. Mas ama-a como se ama a arvore da floresta ou a pedra dos tumulos. Amor severo. Amor frio. Amor sem expansões. Amor sem amor. Beija-a, mas fecha os olhos quando a beijares. Abraça-a, mas volta a cara, para não prescrutares as bellezas do seu corpo, quando a abraçares.»

Esta foi a obra do christianismo. Obra devastadora, desoladora, terrivel. Interpoz-se sempre entre os esposos, frio, severo, implacavel, prohibindo-lhe as suaves e doces attracções da carne, arrefecendo-os, separando-os. O homem, como a mulher, não poderam mais encontrar encantos no amor senão ás escondidas. Proclamou-se, como um dogma, que uma esposa não podia ser tratada como uma amante. Só com a amante eram permitidos os carinhos, as ternuras, as profundas intimidades do amor. Com a esposa, não, que era peccado, que era um crime. Com a esposa, mandava a *pragmatica* que se fosse ceremonioso e... de gelo.

Odio á carne, foi o grito de guerra do christianismo. Cantou-se a castidade em todos os tons. Ser casto, era ser santo. Macerar n'um convento os impetos da carne, afogar as tendencias sexuaes era merecer o reino dos céos.

«Mas o odio da carne, escreve admiravelmente Guyot nos seus *Etudes sur les doctrines sociales du christianisme*, teve por resultado directo o adulterio. A hypocrisia entrou no leito nupcial e lá ficou. Sob pretexto de que uma esposa não deve ser tratada como amante, o homem procura amantes fóra do lar e a mulher, fóra do lar, faz-se tra-

tar como amante por amantes. D'este modo, a grande historia dos costumes christãos é a historia do adulterio com todas as suas paixões, as suas violencias duplicadas de hypocrisia, os seus crimes, os seus assassinatos, os seus ridiculos. Toda a idade média canta o *cocuage*. Rabelais faz-lhe a historia e a scena pertence-lhe desde Molière até aos nossos dias.»

Isto é profundamente exacto. O thema favorito do theatro é a infidelidade conjugal. No drama, na comedia, na tragedia, é o adulterio, sempre o adulterio que figura. *E' a historia, a grande historia dos costumes christãos.*

Este estado de coisas foi singularmente aggravado com o apparecimento do jesuitismo. De novo a Igreja precisou da mulher. De novo procurou attrahi-la. Como? Libertando-a da sua escravidão? Não. Mascando essa escravidão com subtilezas e facilidades torpes. A infidelidade conjugal, que até ahi era repellido para os antros escuros do segredo, appareceu á luz do dia, justificada, consagrada, arvorada em norma e regra de *bom tom*.

E' esse o estado actual. O homem continúa a considerar a mulher um traste, um objecto de *boudoir* ou de salão, como uma bugiganga ou um bronze. A mulher continúa a considerar o homem o seu *tyranno*, ou, então, o seu *editor responsavel*. Um e outro ou procuram ainda fóra do lar os prazeres do amor, ou arrastam uma existencia arida, de mera resignação, tolerando-se, estimando-se ás vezes, mas não se amando.

N'esse estado d'alma veio esbarrar a corrente da *emancipação*, impulsionada e avolumada pelos declamadores estereis *das escolas revolucionarias*. O que deu isso? Deu a mais tremenda dissolução. Porque não seja justo o principio que a inspira? Não. Porque veio por ahi abaixo desordenada, aos saltos, sem criterio, sem rumo, sem norte, esbarrando consigo proprio e a si proprio esmagando-se.

A primeira necessidade é amar a mulher. Trata-la com carinho e com equidade. E depois educa-la. Considera-la uma coisa, deixar-lhe o espirito vasio de ideaes, seguir a doutrina do *odio á carne*, procurar o prazer na amante em vez de o procurar na esposa, e fazer em volta d'ella simplesmente a propaganda da rebellião, é convertê-la n'um ente feroz, autoritario, egoista, duro, voluntarioso, sobrepondo os seus caprichos e os seus prazeres aos interesses familiares. E' torna-la o elemento mais terrivel da dissolução social.

Esse tem sido o unico effeito da propaganda revolucionaria. Da propaganda meramente negativa.

Não. Nós não devemos transigir com o sentimento religioso da mulher porque ella não o tem. Esse sentimento morreu. E, precisamente, a gravidade está n'isso. Se ella tivesse o sentimento religioso ainda teria alguma coisa. Mas ella não o tem. Ella não tem nada. Tem o preconceito, que é uma peste. Tem a convenção, que é uma mentira. Tem a apparencia, que é uma hypocrisia. Transigir com isso é um erro. Essa transigencia não seria mais do que continuar a persistir na teima estúpida de que a mulher não é nada, quando ella é muito. De que a mulher não passa d'um objecto para uso do homem, quando ella representa um altissimo valor social.

Emquanto ella sentia bem nos pulsos a cadeia da escravidão, d'uma escravidão effectiva, não era o mal tamanho. Era uma iniquidade. Mas o perigo social não era tão grave. Então, que sobre ella pesava o sentimento religioso, com toda a pureza das suas regras, por mais iniquas que ellas fossem, grande ou diminuta, elevada ou minguada, a missão da mulher cumpria-se, em moldes determinados e fixos. Hoje o caso é differente. «Estamos n'um periodo d'assimilação de novas idéas. Emquanto as não assimilarmos, deliramos, desvairamos. Urge, pois, assimila-las sem demora. Para não

andarmos a dar com a cabeça nas paredes.

A emancipação da mulher não será um facto enquanto não destruímos os ultimos laços que a prendem á Igreja. Enquanto não lhe substituímos ao ideal religioso o ideal de justiça e de humanidade, base das sociedades modernas. Enquanto não a elevarmos até nós. Esse deve ser o objecto de toda a nossa propaganda.

A mulher, presa á caduca tradição catholica por um lado, sem crença moral no entanto, porque a não tem, presa por uma simples convenção de *bom tom*, ou lançando-se desordenadamente na corrente da *emancipação*, a gritar que tem tantos direitos como o homem, sem comprehensão nenhuma, no entanto, dos *direitos do homem*, que para ella se cifram em fazer *materialmente* o mesmo que elle faz, e um ente inferior, e, como tal, perturbador.

Elevemo-la amando-a e fazendo-nos amar por ella. E eduquemo-la depois, dando-lhe a noção exacta do nosso altissimo papel social, que ella, na sua tremendissima ignorancia, por mais culta que se diga, está muito longe de perceber ou atingir.

Em geral, a mais culta das mulheres ainda não vale o menos culto dos homens cultos.

Elevemo-la. Mas para isso, outra vez o dizemos, a primeira condição é acabar com essa hereditarieidade religiosa que a bestialisa, que a deprime, que a affronta, affrontando a civilisação.

A. B.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas. Esperamos dever a todos o favor de pagarem logo que lhes seja apresentado o recibo, a fim de nos serem poupadas despezas e trabalho com nova apresentação de recibo.

Aos nossos assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança pedimos o favor de nos mandarem a importancia em vales do correio.

Esperamos de todos a fineza de accederem ao nosso pedido.

Após uns dias de prolongado inverno que nos tem flagelado, succedeu uns dias primaveris, que nos convida ao passeio por esses campos além.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Compre a **OSMOND**

Bôdo aos pobres

Foi bem recebida a idéa caritativa que a benemerita direcção da «Associação do Recreio Artístico» promove para o dia de Natal, levando a alegria a alguns lares, onde n'esse dia festivo nem sequer talvez tivessem um bocado de pão para mitigar a fome.

Segundo nos informam tem sido já grande o numero de esmolas que tem recebido de muitas pessoas a quem se dirigiram, por meio cartas, pedindo esmola para os pobres.

No proximo numero publicaremos a lista das pessoas que acudiram de prompto á pobreza.

Nomcação

Acaba de ser nomeado escrivão ajudante do 5.º officio, o sr. José Roballo Lisboa Junior, cargo que por muito tempo já exerceu, com distincção, no cartorio Garpar Cação.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Compre

A OSMOND

CARNES

Lê-se nas Novidades:

Está tomando vulto na imprensa a questão do abastecimento de carnes á cidade de Lisboa, deturpada á vontade e segundo os interesses de cada um. A questão é simples, segundo a verdade colhida em fonte insuspeita.

Abriu-se um concurso largamente annuciado e houve um só concorrente ao abastecimento. Fez-se um contracto bilateral entre o arrematante e a camara municipal de Lisboa. Parece que estaria tudo feito, pois nada mais haveria do que respeitar o contracto assente. Nada d'isso se tem feito, parecendo que a camara já está disposta, porém, a fazer cumprir os seus deveres e a fazer respeitar os direitos do arrematante.

O contracto é claro, dizendo que o arrematante só é obrigado a receber pelo preço official da tabella o gado apresentado pelos *creadores* respectivos. Pois agora toda a gente quer ser *creador*, porque, por acaso, o preço dos bois no mercado livre é inferior ao da tabella. Não havendo em lei ou regulamento especial de definição restricta de *creador* de bois, como ha para *creadores* de cavallos, é obvio que tem de se respeitar a significação linguistica da palavra. E essa está dada por doutos philologos e dá-a o bom senso. Só é *creador* o que tem meios de produzir gado e o sustenta até á sua venda.

Não é nem pôde ser *creador* o lavrador que explora bois para a sua industria vendendo-os quando d'elles não carece, não pôde ser *creador* o marchante, o negociante e o engordador, não é nem pôde ser *creador* syndicato ou aggremação de qualquer especie, mas só aquelle que cria e sustenta o gado para a venda.

E o que é engraçado é os proprios individuos que fraudulentamente se apresentam como *creadores* virem depois confessar de *motu proprio* que de facto o compraram em feiras, como é do dominio publico. Isto é uma infracção grave que se não deve permitir para bom nome da camara e das autoridades que tem passado attestados falsos.

E' interessante que tendo o chefe da secção talhos declarado publicamente, em folha diaria, que existem fraudes no contracto e que muitos negociantes illudem a boa fé da camara apresentando-se como *creadores*, e como taes tendo sido accitees, não seja desde já demittido, visto que permite com conhecimento infracções a um contracto em que a camara tem as suas honra e dignidade ligadas.

Aqui nos vieram mostrar hoje a seguinte carta, espontaneamente enviada á empresa arrematante de carnes. E' um documento curioso que põe a nu a inanidade das reclamações dos falsos-creadores, que, em prejuizo do contracto e da verdadeira creação de gado nacional e ajudados pelo chefe da secção de talhos, que de ha muito devia estar suspenso do exercicio das suas funcções attentos os boatos correntes, fazem comícios e manifestos para protestarem contra o facto de se não lhes reconhecer as fraudes evidentes e de se não lhes consentir as burlas claras.

Segue a carta:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Manuel Martins Gomes Junior.—Lisboa.

Tendo conhecimento de que no jornal *O Diario*, de 6 do corrente, se publicou uma representação contra a fórmula como é feito o fornecimento de carnes á cidade de Lisboa, e vendo em alguns jornaes d'essa cidade, do dia 7 d'este mez, o que v. ex.^a diz a respeito das asserções feitas na alludida representação, cumpre-me o dever de dizer a v. ex.^a que tal representação só pôde ser de gananciosos que se tem constituído em sociedades pelo paiz com o unico fim de auferirem avultados lucros, dizendo-se donos ou *creadores* de gado que compram nos mercados do reino e no estrangeiro, em manifesto pre-

juizo dos donos ou *creadores* de gado e da empresa fornecedora de carnes a essa cidade.

N'este concelho tambem já tentaram organizar uma d'essas sociedades, offerecendo-me avultados interesses para eu fazer parte d'ella e dizer-me dono de gados comprados, remetendo-os como meus! Repudiei indignado tal convite, declarando que me opporia, tanto quanto as minhas forças o permitissem, a que essa sociedade se constituísse n'este concelho.

Pôde v. ex.^a fazer d'esta carta o uso que lhe aprouver, e sem outro assumpto, creia-me

De v. ex.^a
Att.^o Venr. e Obg.^o

Agueda, 10 de dezembro de 1904.

(a) Antonio Gomes Correia Sereno
Secretario da camara d'este concelho.»

Quem finge amor á creação de gado nacional está criminosamente tentando auxiliar verdadeiras burlas.

Tambem o *Mundo* se refere ao assumpto, dizendo, e com razão, que se o exclusivo é mau, em principio e na pratica, não é melhor o exclusivo encapotado do que o exclusivo desmascarado, e que, no que respeita á carne de Lisboa, não tem o publico d'aquella cidade saudades nenhuma do tempo em que os marchantes davam a lei e... o preço. Concordamos.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	1\$000
» encarnado.....	1\$100
» manteiga.....	1\$000
» amarello.....	1\$000
» misturado.....	800
» caraça.....	1\$100
» frade.....	750
Milho branco.....	780
» amarello.....	760
Trigo gallego.....	1\$100
» tremez.....	900
Cevada.....	700
Centeio.....	700
Batatas, 15 kilos.....	450
Ovos, duzia 240, milheiro...	2\$000

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 1 ás 3 da tarde, no jardim publico, é o seguinte:

Marcha. Musica Classica, zarzuela (Chapi). *Le Cid*, selection da opera (Massenet). *Roses Blanches*, walsa (Benjamin) *Philemon et Bianais*, fantasia (Gounod). *24 de infanteria*, marcha (Oliveira).

Fallecimento

Succumbiu hontem n'esta cidade aos estragos da tuberculose, que ha tempos lhe vinha minando a existencia, uma filha do sr. Elias Fernandes Pereira, professor do lyceu, a quem enviamos o nosso cartão de pezames.

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguém os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costeira

«POVO DE AVEIRO»
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

12 de dezembro.—Robespierre profere no *Club dos Jacobinos*, 1793, a celebre virriena contra Ann-Charsis Cloutz, chamado o Orador do genero humano.

Robespierre tinha levado o *Club dos Jacobinos* a resolver que se fizesse entre os seus membros uma depuração. Essa rude prova começou no dia 29 de novembro. No dia 11 de dezembro foi Hébert submettido a ella. Bentabole accusa-o de ser atheu. O desgraçado communista retrata-se, com medo da guilhotina. «Accusame d'atheismo. Nego formalmente a accusação. Prêgo o *Evangelho*, que me parece um excellente livro de moral. Quem lhe seguir todas as maximas será um excellente jacobino. Christo afigura-se-me o fundador das sociedades populares.»

No dia 12 cabe a vez a Cloutz, que ainda poucos dias antes era presidente do Club. Perguntado pela sua nacionalidade responde: «Sou da Prússia, futuro departamento da Republica franceza.» Perguntado se não tinha tido relações com os Vandenyver, banqueiros hollandezes estabelecidos em Paris, presos como cumplices da Dubarry, respondeu que sim. Então Robespierre formula contra elle um libello furibundo.

«Cloutz é um barão allemão com cem mil libras de renda, um agente do estrangeiro, um traidor, um propagador da Republica universal. Desdenhando o titulo de cidadão francez, só queria o de cidadão do mundo. Ah! Se fosse um bom francez, queeria que tentassemos a conquista do universo?» Mas é sobretudo sob o ponto de vista religioso que Robespierre o ataca com maior violencia.

Cloutz é expulso. «E assim, escreve Aulard, Robespierre obtem a eliminção do unico atheu que teve a coragem de conservar as suas opinões.»

13 de dezembro.—No meio de festas sollemnes é arriada no Castello de S. Jorge, 1707, a bandeira portugueza, para ser içada a franceza, assistindo á noite os governadores do reino, a maior parte da nobreza e principaes autoridades ao banquete dado por Junot, enquanto o povo da capital se amotina e é fuzilado ao soltar o grito de *viva Portugal!*

«Mas o que acima de tudo encheu de verdadeira indignação todos os portuguezes foi a cerimonia sollemne celebrada no dia 13 de dezembro com toda a pompa militar. Depois de uma revista á guarnição de Lisboa, a bandeira portugueza, fluctuante no Castello de S. Jorge, foi arriada e substituida pela bandeira tricolor. Então o povo, que se agrupara curiosamente, responden ás salvas de artilheria com gritos de desespero. Junot convidara para um jantar os proprios governadores do reino, que tiveram a inerivel fraqueza de aceitar, mas enquanto estes homens e mais alguns fidalgos portuguezes festejavam com os generaes francezes a cerimonia aviltante que symbolisava a morte da nossa independencia o povo agitava-se e tumultuava nas ruas. A noite repetia-se a agitação, enquanto no theatro de S. Carlos Junot desenrolava do camarote a bandeira tricolor que os seus officiaes saudavam com os seus vivas. Nessa noite foi o tumulto mais violento, e nos gritos de *Viva Portugal e Morra a França* responderam as tropas com uma descarga que matou algumas pessoas, e obrigou a metter-se em suas casas esse pobre e pacifico povo, cujo coração dilacerado não podera conter a sua dôr quando vira abatida na propria capital do reino a gloriosa bandeira das Quinas.» (*Historia de Portugal*, por uma Sociedade de Homens de Lettras).

E' affixado nas esquinas de Lisboa, 1758, um decreto em que se tomam as mais vexatorias medidas para que os culpados do attentado contra a vida de D. José I não se podessem escapar, ordenando-se que ninguém podesse sair do seu districto sem que se apresentasse primeiro á auctoridade para declarar qual a situação para onde ia e o motivo da sua sahida, e sujeitar-se a um exame rigoroso de sua pessoa, indo todas essas declara-

ções, e todos esses signaes, ainda os mais minuciosos, especificados no passaporte que se lhe dava.

14 de dezembro.—Morre Washington, 1799.

Jorge Washington, primeiro presidente da grande republica norte-americana, e seu principal fundador, nasceu nas margens do Bridges Creek, na Virginia, a 22 de fevereiro de 1732, e na Virginia morreu, em Mont Vernon, a 14 de dezembro de 1799.

Aos 19 annos foi nomeado ajudante geral das milicias da Virginia. Em 1758 retirou-se do serviço militar no posto de major.

Quando se deu o rompimento com a Inglaterra foi nomeado pelo congresso de Philadelphia general em chefe das tropas americanas (1775). Então ainda o povo americano não pedia a independencia, mas simplesmente que a Inglaterra o tratasse como filho, e não como bastardo. Não querendo a Inglaterra attender esse pedido, o povo americano proclamou a sua independencia, encontrando então em Washington um chefe á altura das circumstancias.

Com admiravel senso pratico, com uma extraordinaria actividade, com uma constancia sublime, cheio de abnegação, probo, modesto, sereno, energico, esse homem deixou na historia um rasto luminoso que nunca mais se apagará.

Napoleão, como dizia Chateaubriand, só deixou cadaveres, e quando se procuram os campos onde brillou a sua espada só se encontram tumulos. Washington deixou um mundo e os Estados-Unidos como tropheu para indicar o seu campo de batalha. Superioridade enorme da democracia sobre o despotismo!

Depois de ter vencido a Inglaterra, attingindo as culminancias da gloria, repelliu as propostas que alguns lhe faziam para se coroar imperador, licencoeu o exercito, apresentando conta documentada das sommas que tinha gasto durante o tempo da sua dictadura, demittiu-se do seu cargo no seio do congresso e voltou para a sua propriedade de Mont-Vernon, entregando-se de novo á vida tranquilla d'agricultor e aspirando sómente a gosar em paz os fructos do seu admiravel trabalho. Brillantissimo exemplo d'amôr aos principios democraticos! Não tinha, contudo, chegado ainda a hora do seu descanço.

Eleito deputado pela assembléa da Virginia á Convenção, foi eleito, por unanimidade, presidente da União, (1789) depois de ter sido o principal redactor da constituição. D'ahi a quatro annos (1793) foi reeleito, mas ao cabo do 2.º periodo declarou terminantemente que não consentia mais na sua reeleição.

Este facto foi de grande alcance, porque tornou difficil a qualquer outro exercer aquelle cargo por um espaço de tempo superior, levantando assim uma barreira insuperavel ás ambições dos homens.

Quando Washington morreu, todos os seus concidadãos tomaram luto por um mez, prestando-lhe sollemnes honras funebres e dando o seu nome á capital federal.

E' presa em Lisboa, 1758, a marquez de Tavora, D. Leonor, e encerrada no convento dos Grillos; a marquez D. Thereza, encerrada no mosteiro de Santos; a duqueza de Aveiro, encerrada no convento do Rato; a condessa d'Albuquerque, encerrada em Marvilla; a marquez d'Alorna, encerrada em Cellas, e as filhas d'essas senhoras, que as acompanharam.

15 de dezembro.—O marquez de Pombal ordena que sejam declarados vagos os postos occupados no exercito pelos fidalgos indiciados como auctores ou cumplices do attentado contra a vida do rei, que todos os tribunales deem consultas acerca do modo como deviam ser punidos tão *horrorosos crimes* e que fossem avisados os coronéis de todos os regimentos para que tivessem dia e noite as tropas nos quartéis, promptas a marchar á primeira ordem. Continuam a ser cercadas as casas conventuaes dos jesuitas.

— Camillo Desmoulin publica, 1793,

o 3.º numero do seu celebre jornal *Vieux Cordelier (Velho Franciscano)*.

Nos dois primeiros numeros, Desmoulin atacava Herbert, Cloutz, Chamette e Gobel. Entrementes Robespierre tratava-o desdenhosamente no *Club dos Jacobinos*. Então Desmoulin, ferido no seu amor proprio, volta-se contra Robespierre e publica o famoso n.º 3 do *Vieux Cordelier*, onde traça um quadro eloquentissimo dos crimes do Terror, crivando o governo de epigrammas, que fizeram a alegria dos inimigos da Revolução. Esse numero do notavel pamphletto tem uma tiragem immensa, um successo prodigioso, produzindo em Paris extraordinaria sensação. Esteve a pontos de provocar um movimento revolucionario. As mulheres, chorando, foram á Convenção pedir em altos gritos a liberdade dos seus parentes. Para fugir á tormenta, a Convenção viu-se obrigada a decretar que os Comités de segurança geral e de salvção publica nomeassem commissarios para procurar os meios de pôr em liberdade os patriotas que tivessem podido ser encarcerados. Era um *Comité de Justiça*, diz Aulard, esperando o *Comité de Clemencia* reclamado pelo *Vieux Cordelier*.

Esse numero famoso custou a vida, pouco depois, a Camillo Desmoulin. Os jornaes mais celebres d'então eram o *Vieux Cordelier* e o *Père Duchesne*. Naquelle Camillo Desmoulin, grande jornalista, advogava a clemencia. Neste Herbert, espirito menos fino e elevado, defendia a violencia. No fundo, não havia entre um e outro grande differença de principios. E todos os republicanos d'esse tempo, ao contrario do que se imagina, foram alternadamente partidarios da clemencia e da violencia.

—

16 de dezembro.—O marquez de Pombal ordena a todos os prelados diocesanos, 1758, que façam cantar nas igrejas um sollemne *Te Deum* por o rei ter escapado com vida ás tentativas faccinorosas.

17 de dezembro.—Fabre d'Eglantone e Boardon queixam-se de abusos commettidos por certos agentes do conselho executivo, 1793. Em vista d'isso, a Convenção decreta a prisão de Maillard, Rousin e Vincent, secretario geral da guerra, e chamou á barra o conselho executivo.

— Manifestação republicana no *theatro do Principe Real*, 1873, em Lisboa, promovida pela redacção do *Rebute*, sendo a primeira que se faz abertamente republicana.

18 de dezembro.—Coroando a série vergonhosa e iniqua de banca-rotas, realisadas pelos constitucionaes desde 1835, decreta o ministerio Saldanha, Rodrigo e Fontes, 1852, a conversão forçada da divida de 5 em 3%, montando esta a réis 85.740.000\$000 com o juro de réis 3.491.000\$000, não incluindo a divida *mansa*, titulos azues, indemnisações, etc, elevados á somma de réis 11.887.000\$000, ficando defraudados 9.511 particulares possuidores de inscrições e 519 corporações possuidoras de titulos de divida interna.

Morre Herder, 1803. João Godofredo Herder foi um dos maiores genios da Alemanha. Discipulo de Kant, e, mais tarde, dos encyclopedistas, dedicou-se todo ao culto da humanidade, defendendo com enorme talento a liberdade, a justiça e a verdade.

O seu grande livro *Idéas sobre a philosophia da historia da humanidade* constitue uma das glorias do pensamento moderno.

A cidade de Weimar erigiu-lhe uma estatua, em 1850.

A banda da Guarda Municipal de Lisboa

Foi aqui muito applaudida e apreciada a excellente banda da Guarda Municipal de Lisboa, que veio a Aveiro tomar parte nas festas da inauguração do retrato do sr. conselheiro José Luciano.

A HYGIENE PUBLICA

REVELAÇÕES GRAVES

Com muita difficuldade se vae fazendo alguma luz sobre as responsabilidades que alguem por certo ha de ter com relação á morte da pobre creança diptherica, por não haver sôro ou ter sido recusado ao portador que veio procural-o.

E dizemos assim, porque á ultima hora se afirma que o sôro estava depositado no commissariado de policia.

Porem, os portadores que o vieram procurar, esforçaram-se por encontrar o delegado e o sub-delegado de saude, o que não conseguiram, sabendo após estas tentativas que o delegado de saude estava a ares em Espinho, praia que por muitas e complicadas razões se recommenda, e que ficára a substituí-lo o nosso bom e distincto conterraneo, o sr. dr. Lourenço Peixinho.

Interrogado este cavalheiro sobre o caso, respondeu que a pedido do delegado de saude, o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, ficára a substituí-lo junto dos seus doentes e de mais nada o encarregára. Foram depois os portadores á esquadra da policia, mas ali responderam que nada faziam sem ordem do sr. delegado de saude.

E' preciso dizer que já tinha sido o sôro procurado no estabelecimento indicado como deposito, pelo sr. delegado de saude, sendo sómente encontrado um frasco, que foi injectado na creança, mas dóze absolutamente insufficiente para o fim desejado.

Baldados todos os esforços para se conseguir o sôro, porque, existisse ou não existisse, o sr. delegado de saude estava em Espinho, praia que por muitas e complicadas razões se recommenda, e não podia reproduzir o milagre de Santo Antonio, quando foi salvar o pae, apesar das suas profundissimas creanças religiosas e fervor pelo Senhor dos Passos, apparecendo tão rapidamente quanto era necessario n'esta cidade, para authorisar a entrega do sôro; e o remedio, como unica solução, foi a desditosa creança morrer, na maior das agonias: a asphixia lenta e horrórosa!

Apezar, porém, da pequena luz que se vae fazendo e de principiar a distinguir-se os negros traços desta desgraça; da affirmativa que o sôro existia na policia, o qual, pela recusa da sua entrega, equivalia a lá não estar; a responsabilidade do sr. delegado de saude não diminue, nem mesmo quando affirma que toda ella cabe intacta ao sr. sub-delegado de saude por ser a este que lei indica a distribuição e requisição de tal medicamento. Mas o sr. delegado de saude que tanto conhece as obrigações e deveres dos outros porque desconhece os seus?

Então o sr. delegado de saude ignora que lhe cabe o indeclinavel dever de fiscalisar e certificar-se se os seus subordinados cumprem com as obrigações inherentes ás suas funções? A parte a responsabilidade moral dos serviços a que preside e das boas ou más consequencias que advenham d'esses mesmos serviços.

— Ou a lei é só para os outros? Ou o sr. delegado de saude se considera intangivel e indiscutivel?

A triste questão que vae para dois mezes aqui vimos discutindo, continúa seguindo os seus tramites e temos confiança absoluta no character do distincto facultativo que a levantou e que a ha de levar até onde fôr de justiça, na certeza que aqui o acompanharemos, n'esta luta a bem dos desgraçados que a sua falta de recursos os colloca na contingencia de necessitarem de qualquer serviço publico, em que elles na sua ignorancia acreditam, especialmente nos da sanidade publica, para os quaes ha só empregados e dirigentes *in nomine*.

— O tempo não pôde chegar para tudo. Dissemo-lo e é certo. O sr. delegado de saude e sub-

delegado, com receio do triumpho da lista para a direcção do monte-pio a que nos referimos, fizeram umas boas duas horas de sentinella, um á porta da rua e outro no pátio da escada da associação a fiscalisarem os seus eleitores, levando o sr. delegado de saude um doente que estava no hospital e era socio a ir ali votar!!

Unico, é certo, mas dá-se aqui entre nós, e segundo nos informam o sr. provedor faz n'isto todo o papel de Pilatos, o que não pôde deixar de ser, visto que nos repugna acreditar que s. ex.ª pactou em tão indecoroso caso!

E assim ficou a tal direcção que pôde pensar ainda em mais cortar subsidios e pensões; as pharmacias mantendo nos seus fornecimentos 65 por cento; ampliar ainda o completo abandono pela letra dos estatutos, mas os 400.000 réis para os srs. doutores, esses são sagrados, esses são intangiveis!!

Emfim é uma associação que vive, só para pagar aos medicos.

Ha tambem um caso d'uma colcha, de sêda, um retalho do estandarte que D. Sebastião mandou fazer antes da batalha de Alacer-Kibir, como complemento do seu sonhado imperio em Africa, preciosidade que está na posse do sr. delegado de saude e que foi negada á commissão para adorno da sala onde se inaugurou o retrato do sr. presidente do conselho, o mesmo que o fez nomear para aquelle cargo!!!

Quanto pôde um grato coração, uma alma agradecida, não esquecendo o fervor politico e o culto pelo seu chefe!!!

UM SEU LEITOR.

A RIR

No tribunal:
O juiz—Você é' deveras incorrigivel! Cá está outra vez por firtio!
O réo—Que quer, sr. juiz? Eu sou tanto philosopho e economista... Ouvi dizer que a propriedade é o roubo... E, como não tenho nada, trato de roubar para ver se tenho alguma coisa.

Um idota qualquer vae ver o presidente da sociedade protectora dos animaes.

— Que deseja? pergunta o presidente.

— Desejo ser protegido, porque minha mulher me trata como um cão.

— Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compreae a bicyclete—«A OSMOND»

ANNUNCIOS

MADEIRAS

JOSÉ Alves d'Oliveira, d'Agueda, (Borralha) encarrega-se do fornecimento de madeiras de pinho para construcções, assim como varas de pinho de 2 a 10^m de comprimento.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas; dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fôr applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.^a ed., cart. 300 réis, broch.
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart., 300 réis, broch.
Guia prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.....

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada.....

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado.....
A Cartilha Maternal e a Crítica.....

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed.
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga.....

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albus, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU' DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

OU

Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até! —não possuir.
 Preço, brochado 500 reis, cartonado 600 reis.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.^o—LISBOA.
 E em todas as livrarias.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS
AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 1\$600 a 3\$600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.
 Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles
 dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe a qualquer quantia ficando o trabalho importfeito.
 RUA DA COSTEIRA
 (Em frente da Estatuas de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que receba gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

Rua da Boa Vista,
 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 a 45—AVEIRO